



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

JULIANA RODRIGUES NUNES AMARANTE

**ESTRATÉGIAS MULTIMODAIS DE INTERAÇÃO DE CRIANÇAS COM
SÍNDROME DE DOWN EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

**GUARABIRA
2021**

JULIANA RODRIGUES NUNES AMARANTE

**ESTRATÉGIAS MULTIMODAIS DE INTERAÇÃO DE CRIANÇAS COM
SÍNDROME DE DOWN EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de concentração:
Multimodalidade, ensino e inclusão.

**GUARABIRA
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A485e Amarante, Juliana Rodrigues Nunes.
Estratégias multimodais de interação de crianças com Síndrome de Down em aquisição da linguagem [manuscrito] / Juliana Rodrigues Nunes Amarante. - 2021.
34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Estratégias Multimodais. 2. Síndrome de Down. 3.
Multimodalidade. I. Título

21. ed. CDD 371.92

JULIANA RODRIGUES NUNES AMARANTE

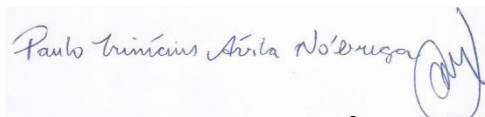
**ESTRATÉGIAS MULTIMODAIS DE INTERAÇÃO DE CRIANÇAS
COM SÍNDROME DE DOWN EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de concentração:
Multimodalidade, ensino e inclusão.

Aprovada em: 28/09/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega
(Orientador) Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



**Prof. Esp. André Luiz Souza-Silva (1º
examinador)** Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



**Profa. Dra. Danielly Lopes de Lima (2º
examinador)** Universidade Federal de Campina
Grande (UFCG)

Aos meus familiares e meu querido esposo, pelo apoio, companheirismo e amizade. Ao Senhor pela oportunidade de conclusão, DEDICO.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar estratégias multimodais na interação de duas crianças com Síndrome de Down (SD) e terapeutas da linguagem no contexto de engajamento. Pretende-se, com isso, de modo específico, investigar o uso dos elementos multimodais, visando compreender como a referenciação de sentidos ocorria entre os interactantes, bem como, construir uma sequência dos recursos multimodais utilizados, a fim de discutirmos sua relevância no contexto da interação. Os dados foram coletados em uma Clínica-Escola de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba, onde as duas crianças observadas frequentam os atendimentos semanalmente. Os encontros dessas crianças foram iniciados no ano de 2014 e vigoram até o momento. Os dados coletados são armazenados em mídia DVD e cada cena de atendimento tem uma média de duração de 30 minutos. Ao longo das nossas análises, apresentaremos recortes dos diálogos ocorridos, e mostraremos ilustrações dos recursos multimodais utilizados com a finalidade de evidenciar melhor os nossos resultados. Nossas análises foram realizadas de modo qualitativo, e nossos resultados apontam para a consideração de que as duas crianças observadas, mesmo acometidas pela SD, conseguem utilizar de maneira profusa da linguagem; o que ocorre com estes sujeitos é a utilização de estratégias não-típicas para se comunicarem. Estas estratégias não-típicas correspondem aos elementos de referenciação multimodal que fora amplamente utilizado por ambos os sujeitos.

Palavras-chave: Estratégias Multimodais. Síndrome de Down. Multimodalidade.

ABSTRACT

The objective this work is analyze multimodal strategies in the interaction of two children with Down's Syndrome (SD) and language therapists on context engagement. It is intended therewith, specifically, investigate the use of multimodal elements, aiming understand as referencing of senses occurred between interactants, as well as, construct a sequence of multimodal resource, in order to we discuss your relevance in the context of interaction. The our datas went collet in a Clinical-School of phonoaudiology of Federal University of Paraiba, whom the two children observed attended the services weekly. The meetings of that children went started in the year 2014 and prevailed thus far. The datas colleted be stored in DVD media. Each scene of service have a average duration 30 minutes. Over ours anaylisis, will present clippings of conversations occurred, as well as will show illustrations of multimodal resources used as with a view to demonstrate better our results. Our analysis went realized in order to qualitative, pointing for consideration what two children observed, even having SD, get if use of deep way of language; which occur with this subjects is the use of strategies not-typical for they communicate. This strategies not-typical correspond on elements of multimodal referencing what went widely used by both subjects.

Keywords: Multimodal strategies. Down's Syndrome. Multimodality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Diálogo de P1	23
Figura 02 – Sequência de recursos multimodais	24
Figura 03 – Diálogo entre P1 e CA	25
Figura 04 – Sequência de recursos multimodais	29

LISTA DE TABELAS

Gráfico 01 – Processo de repetição	26
Gráfico 02 – Processo de repetição	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CH Centro de Humanidades

CNPQ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PIBIC Programa Institucional de Iniciação Científica

UEPB Universidade Estadual da Paraíba

UFPB Universidade Federal da Paraíba

SD Síndrome de Down

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 SÍNDROME DE DOWN: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	15
2.2 NOTAS SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E MULTIMODALIDADE.....	18
2.3 ESTRATÉGIAS MULTIMODAIS DE INTERAÇÃO NO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO	20
3 METODOLOGIA.....	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
4.1 RECORTES E ANÁLISES DO ATENDIMENTO DE CA	22
4.2 RECORTES E ANÁLISES DO ATENDIMENTO DE CC	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O tema da Multimodalidade em Aquisição da Linguagem, ainda que pouco difundido¹, é de grande contribuição para compreendermos as nuances da linguagem da criança. Assim, para melhor compreendermos tais saberes, é indispensável refletirmos sobre os meios pelos quais estes processos ocorrem, tais como as suas execuções; quais os recursos utilizados para a comunicação por aqueles que não conseguem usufruir de forma parcial ou completa do domínio de fala; que outras formas alternativas de linguagem o sujeito poderá utilizar para se comunicar com o seu mundo.

A Síndrome de Down (doravante, SD), assim como a maioria das síndromes adjacentes à espécie humana, possui suas especificidades no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual e motor do indivíduo que é acometido por ela. À vista disso, os estudos clínicos acerca de sua origem, sobretudo de suas particularidades, são de extrema importância para que seja viabilizado a esses sujeitos um modo de vida que atenua as dificuldades acarretadas pela SD. Na direção dessa tenuidade, os estudos linguísticos também são de suma importância, uma vez que buscam compreender o desenvolvimento linguístico desses sujeitos, a fim de minimizar suas limitações.

Podemos encontrar estudos dessa área na produção “Nuances da Linguagem em Uso: A Síndrome de Down em foco” organizado por Ávila-Nóbrega (2021). Em que, Freitas (2021) discorre a respeito das principais características linguístico-cognitivas pertencentes aos indivíduos acometidos pela SD e, concomitantemente, apresenta propostas de ações pedagógicas voltadas ao ensino de língua.

Inscrito nesse eixo de análise, Oliveira *et al.* (2021) investigam os processos fonológicos na fala de adolescentes com SD, com o objetivo de contribuir para a compreensão de sua produção oral e do processo de escrita. Por essa ótica, Rabelo *et al.* (2021) discorrem acerca da apropriação da escrita de uma criança com SD. Concernente a isso, esses sujeitos serão apresentados a outras estratégias

¹Cf. Artigos: “UMA REVISÃO DA LITERATURA SOBRE MULTIMODALIDADE NOS ESTUDOS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM”, da autoria de Darliene da Silva Chagas e Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, submetido ao CONEPI III/2019 e “MULTIMODALIDADE, INTERAÇÃO E LINGUAGEM EM UM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO DE GUARABIRA/PB”, da autoria de Darliene da Silva Chagas, Paulo Vinicius Ávila Nóbrega e Juliana Rodrigues Nunes Amarante submetido ao CONEIL/2020.

linguísticas, com a finalidade de (re)-construir sentidos durante o processo de interação em seu meio social.

Para iniciarmos nossas considerações a respeito desta produção, situamos uma asserção de Ávila-Nóbrega (2018) no que tange à relevância dos gestos que, por sua vez, levam-nos aos estudos multimodais e suas contribuições em Aquisição da Linguagem:

A concepção da função exercida pelos gestos na interação humana foi de que podiam substituir a fala, regular o fluxo e o ritmo da interação, manter a atenção, dar ênfase ao discurso e ajudar a caracterizar e memorizar o conteúdo do discurso (p. 40).

Através dessa assertiva podemos compreender, sinteticamente, a funcionalidade dos gestos no momento de interação entre determinados sujeitos. No entanto, esta maneira de se pensar os gestos é bastante atual e ainda objeto de vários estudos, à medida que as primeiras pesquisas em torno da linguagem não verbal consideravam os gestos como meros acessórios da fala, utilizados para auxiliar a construção de significado de alguma parte do discurso (ÁVILA-NÓBREGA, 2018).

Todavia, com o tema da Multimodalidade na Linguagem, observamos que estes recursos possuem uma categoria de pertinência maior, tal como a fala. A relevância destes recursos multimodais se dá, precipuamente, pela funcionalidade que estes adquirem no momento da interação; tornando-se evidente, em nossas análises, a utilização de determinado gesto, corroborando a efetivação do engajamento conjunto entre as terapeutas e as crianças, por exemplo.

Entretanto, essa relevância torna-se ainda mais enfática, pelo fato dos sujeitos observados em análise serem crianças que possuem SD. Conjugados à síndrome, têm incongruências no que diz respeito ao funcionamento de sua comunicação verbal com o outro. Assim, possuindo tais complexidades, esses indivíduos buscaram outras estratégias linguísticas para se comunicarem.

Nesta pesquisa, veremos que é a partir dessa particularidade que as crianças em análise (junto às terapeutas) começaram a (re)-construir sentidos no processo de interação através de estratégias multimodais. Os gestos e as produções vocais, por exemplo, são recursos que serão amplamente explorados por ambos os sujeitos, à medida que estes recursos não são meros acessórios da fala como os primeiros estudos da linguagem não verbal sugerem, ou seja, estes elementos se constituem

por si só como recursos linguísticos que alcançam tal estatuto quando o engajamento conjunto se efetiva em cada atendimento.

Portanto, o objetivo geral de nosso trabalho é analisar estratégias multimodais na interação de 02 (duas) crianças com SD e terapeutas da linguagem no contexto de engajamento. Especificamente, buscamos investigar o uso dos elementos multimodais, tencionando a compreensão de como a referenciação de sentidos ocorria entre os interactantes. Metodologicamente, esta pesquisa segue por via de abordagem qualitativa, haja vista que ponderamos acerca da interação, buscando a reflexão e, sobretudo, a descrição de seu funcionamento no primado da multimodalidade.

Justificamos a escolha deste tipo de trabalho por observamos a ausência de pesquisas no Centro de Humanidades Osmar de Aquino (CH) que visem a análise do uso da linguagem de crianças com patologias e desvios, haja vista que os profissionais de Letras não trabalham apenas com indivíduos típicos. Além disso, a nossa produção é parte das contribuições de pesquisas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq-UEPB), a saber: “Aquisição da Linguagem e Estratégias Multimodais de Interação: O Engajamento Conjunto de Crianças com Síndrome de Down e Terapeutas”, cota 2019/2020 e “O Uso de Gestos Icônicos no Processo de Aquisição da Linguagem e Atencionalidade de Crianças com Síndrome de Down”, cota 2020/2021.

Nesta produção, inicialmente, organizamos uma breve discussão sobre o contexto sociocultural e científico da SD amparada nos estudos de Ávila-Nóbrega (2017), Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2018), Rabelo *et al.* (2010) e Alves, Delgado e Vasconcelos (2008). Em seguida, abordaremos alguns aparatos teóricos em torno de Aquisição da Linguagem e Multimodalidade à luz de Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2015), Ávila-Nóbrega (2010), Amarante e Ávila-Nóbrega (2019), Barros e Cavalcante (2015) e Kendon (1982). Acerca das estratégias multimodais de interação e do processo de referenciação, autores como Marcuschi (2001) e Tomasello (2003) foram imprescindíveis para a elucidação desse campo de saber. Em linhas gerais, teceremos nossas análises a partir da observância dos dados de cada atendimento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 SÍNDROME DE DOWN: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O avanço da medicina moderna permitiu descobertas para fatos científicos que trouxeram à sociedade uma melhor compreensão sobre situações e incongruências que permeavam a vida do ser humano, tais como: doenças crônicas, deformidades físicas, doenças contagiosas etc. Ainda nessa perspectiva, havia (e há) as síndromes, objeto de estudo, especulação e preconceito, por se tratar de patologias que colocam o sujeito acometido em um distanciamento dos padrões psíquicos, linguísticos e físicos, estabelecidos pelas sociedades. Sendo assim, uma destas síndromes a enfrentar tais complexidades é a SD.

Segundo Ávila-Nóbrega (2017) o primeiro registro que se tem notícia sobre a SD data do século VII d.C., com a descoberta de um crânio que tem características comuns aos sujeitos acometidos pela síndrome. Tal artefato, por sua vez, fora encontrado na Saxônia, atual Alemanha. No entanto, sabe-se que a SD sempre esteve presente na espécie humana além de outras síndromes. A partir disto, é possível a hipótese de que a escassez de fatos e artefatos que demonstrem a presença da síndrome ao longo da história humana se deu pelo fato de como a sociedade pensava estes sujeitos.

Ainda de acordo com Ávila-Nóbrega (2017), podemos tomar nota sobre as representações inscritas no seio de algumas sociedades sobre esses indivíduos, a saber: os gregos justificavam a situação desses como seres que não pertenciam à espécie humana. Os espartanos, por sua vez, não aceitavam sujeitos com tais complexidades. Na Idade Média, Martinho Lutero (1483-1546) os considerava como prole da união de mulheres e demônios e, nas sociedades europeias mais antigas, os bebês que apresentassem tais características eram abandonados. Portanto, é notória a razão pela qual a SD não fora objeto de estudo científico em tempos mais remotos da história humana.

Mediante esta revisitação historiográfica, convém sabermos como se deram as primeiras pesquisas e estudos sobre a SD. Os primeiros trabalhos acerca desta síndrome datam do século XIX, por Jean Esquirol (1772-1840) e Édouard Séguin (1812-1880) com a descrição de um paciente cujas fisionomias correspondem à síndrome. Em 1866, John Langdon Haydon Down (1828-1896) publica um trabalho

intitulado *Observations on an Ethinc Classification of Idiots* no qual descreve as peculiaridades da SD, mais tarde, seu nome é posto como nomenclatura para a síndrome (ÁVILA-NOBREGA, 2017).

Posto isso, partimos para o século XX, mais precisamente no ano de 1930, alguns médicos começam a conjecturar que as causas para a SD são provenientes de razões cromossômicas. Entretanto, nesse período, havia poucos avanços técnicos desenvolvidos para examinar os cromossomos humanos, desembocando na incapacidade de comprovar tais teorias (ÁVILA-NÓBREGA; CAVALCANTE, 2018).

No entanto, em 1956, com inovações laboratoriais, que os cientistas afluíram seus estudos a respeito dos cromossomos, atingindo a premissa de que, em cada célula humana, há 46 cromossomos e não 48, como se acreditava. Ainda segundo os autores, três anos mais tarde o médico francês Jerome Lejeune (1926-1994) registra o fato de que o sujeito acometido pela SD possui um cromossomo extra, isto é, computando um total de 47 cromossomos. Soma-se a isso, também, que Lejeune conclui que em contrapartida aos dois cromossomos 21, este encontrou três, originando o termo trissomia 21.

Nessa mesma linha investigativa, outros geneticistas identificaram outros problemas cromossômicos nos indivíduos com SD, sendo esses: a translocação e o mosaïcismo. A translocação diz respeito ao terceiro cromossomo 21 que, diferente da trissomia, não estará livre, mas estará transposto em outros cromossomos, podendo ser o 14, 21 ou 22. O mosaïcismo, por sua natureza, refere-se à identificação da quantidade de cromossomos encontrados nas células do bebê, alguns conteriam 46 – o número comum – e outros 47.

A SD se desenvolve sempre da mesma forma, independentemente do sexo da criança e em qualquer família, ainda que esta não tenha antecedentes de SD. Todavia, a SD pode se comportar, por sua vez, de forma distinta em cada indivíduo no que tange aos aspectos físicos e patológicos, nos quais essas diferenças tornam-se mais acentuadas no que diz respeito ao intelecto, motricidade e na capacidade de convivência social. É importante salientar, fundamentalmente, que o atendimento e aparato médicos que este indivíduo terá ao longo da vida também influenciarão no seu desenvolvimento psicológico, físico e linguístico (MELO; LIMA; ÁVILA-NÓBREGA, 2019).

Os estudos sobre a SD tiveram seu afloramento por meio de profissionais da saúde, cuja ênfase fora gerenciada por pesquisas que explicassem o desenvolvimento físico do indivíduo, tal como a realização de um prognóstico das pessoas diagnosticadas com a síndrome. No entanto, a SD na atualidade se mescla, numa mobilização interdisciplinar, com outras áreas do saber, tais como: a Educação, o Direito, a Terapia Ocupacional, a Psicopedagogia, a Linguística, a Fonoaudiologia, a Antropologia entre outras. Essas ciências visam pesquisas que não se engessem em descobertas de cunho fisiológico apenas, mas em estudos que tenham por objetivos a qualidade de vida e a interação social desses sujeitos, a fim de garantir seus direitos sociais (ÁVILA-NÓBREGA, 2021).

Os indivíduos acometidos pela Síndrome de Down apresentam algumas limitações no seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. À vista disso, antes de ponderarmos acerca de nossas considerações notocante à SD, é indispensável determinarmos que não iremos apresentar os prognósticos em torno da SD, mas organizar discussões a respeito de como estes sujeitos se apropriam de outras estratégias linguísticas – como a multimodalidade – no processo de aquisição da linguagem.

Por conseguinte, entendemos que o sujeito com SD apresenta dificuldades na construção de conceitos e planejamentos de situações cotidianas, além de apresentar dificuldades no aprendizado da escrita, principalmente em aspectos sintáticos devido a, potencialmente, sua memória reter informações de maneira fragmentada ou parcial (RABELO *et al.*, 2010).

Com tal característica, os sujeitos com SD também manifestam lentidão para acompanhar instruções propostas em decorrência de uma memória auditiva de curto-prazo. Entretanto, se estas informações forem acompanhadas de recursos como: figuras ou gestos, as instruções podem ser fortalecidas. A utilização desses meios irá facilitar a negociação de sentidos em razão da memória visual do indivíduo ser, por sua natureza, uma habilidade mais desenvolvida (ALVES; DELGADO; VASCONCELOS, 2008).

Em consequência disso, é importante esclarecermos a relevância da utilização destes recursos visuais, concernente à negociação de sentidos no processo de interação com o sujeito com a SD. Dessa forma, Ávila-Nóbrega (2017) escreve:

[...] quando estes sujeitos estão engajados em contextos promissores do seu deslocamento para o acesso aos elementos multimodais (gestos, expressões faciais, movimentos corporais, prosódia etc.), eles farão uso de recursos produtores da referência, como, por exemplo, a repetição, a associação, a reiteração e a conexão [...] (ÁVILA-NÓBREGA, 2017, p. 43).

Nesse sentido, após apresentarmos algumas considerações a respeito da SD em seu contexto científico e sociocultural, convém esclarecermos que nosso intuito não é esgotar a literatura a respeito da SD, mas de contextualizar a síndrome em relação ao espaço sócio-histórico, para que, nesse caso, possamos justificar as estratégias de interação que poderão ser usadas com esses indivíduos.

2.2 NOTAS SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E MULTIMODALIDADE

Os estudos na área da Aquisição da Linguagem, precipuamente, debruçaram-se sobre a fala dirigida à criança e aos sinais linguísticos que a criança produzia ao estar em interação com uma figura materna. Todavia, ainda que os estudos nesse campo sejam relativamente novos, haja vista que surgiram na década de 1957, já é possível encontrarmos descobertas científicas que envolvem patologias da linguagem (ÁVILA-NÓBREGA, 2017).

No que diz respeito à Multimodalidade em Aquisição da Linguagem, apresentamos um levantamento feito por Ávila-Nóbrega & Cavalcante (2015) que demonstra alguns enfoques sobre estudos na área supracitada. Com isso, é demonstrado que as primeiras interações entre o bebê e sua mãe envolvem o uso de gêneros do discurso, através do qual podemos observar que a criança se mostra ativa no ambiente familiar desde a tenra infância, comunicando-se através de recursos multimodais e produzindo, conjuntamente, gestualidade e produções vocais.

A gesticulação, por sua vez, será o primeiro tipo de gesto que aparecerá na criança, sendo caracterizado por movimentos de algumas partes do corpo, como por exemplo, a cabeça, os braços e as mãos. No levantamento feito pelos autores citados, há a apresentação de uma pesquisa realizada com uma criança autista, compreendendo a língua enquanto uma instância multimodal, facilitando, com efeito, a inserção da criança em determinado contexto de interação. Esta mesma concepção de língua é adotada Ávila-Nóbrega (2010), que apresenta como perfil da interação entre mãe e bebê, uma combinação de três componentes, a saber: o olhar, os gestos e a produção vocal.

No tocante a isso, buscaremos apresentar, de maneira sucinta alguns autores que contribuíram para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da Aquisição da Linguagem com ênfase no campo da Multimodalidade. Com isso, não tencionamos esgotar a literatura, mas demonstrar os esforços científicos que ajudam a compreender a Aquisição da Linguagem englobando outras instâncias. Portanto, após apresentarmos a Aquisição da Linguagem a partir do ponto de vista da Multimodalidade, vejamos como se constitui esse outro domínio do saber.

A multimodalidade é um campo do saber que ganhou bastante relevo a partir das pesquisas e estudos na área da comunicação não-verbal. Nessa área, os elementos extralinguísticos não recebiam estatuto linguístico. Entretanto, com os avanços das pesquisas na área da linguagem, fora percebido que os aspectos corporais também são conferidos como linguagem (AMARANTE; ÁVILA-NÓBREGA, 2019).

Segundo Barros e Cavalcante (2015, p. 45), para entendermos o que é multimodalidade, “[...] é preciso antes entender que pesquisas sob esta perspectiva tem uma noção de lingua(gem) como uma instância multimodal”, ou seja, é preciso compreender a linguagem para além das instâncias verbais e escritas. As autoras ainda acrescentam que a “[...] lingua(gem) não é apenas a fala, o gesto, ou olhar analisados de forma isolada, mas o conjunto formado por esses elementos”.

Desta forma, é necessário assimilar a linguagem multimodal como uma instância que acontece simultaneamente, e não de forma isolada. Sobre isso, Ávila-Nóbrega (2018) categoriza como “Envelope Multimodal”, corresponde ao momento interacional da negociação de sentidos face a face, sobre a qual a produção vocal, visual e gestual ocorre simultaneamente. Ainda nesta perspectiva, McNeill (1985 *apud* BARROS; CAVALCANTE, 2015) defende que o “[...] gesto e fala são duas facetas de um único pensamento, e, por isso, indissociáveis”.

No que tange à categoria da produção gestual, temos algumas classificações, a saber: a gesticulação, as pantomimas, os emblemas e as línguas de sinais (KENDON, 1982). Segundo Barros e Cavalcante (2015), a gesticulação corresponde aos gestos característicos de um indivíduo ou de uma sociedade, nos quais os emblemas são gestos pactuados por determinada cultura. Por outro lado, as pantomimas são representações de ações do cotidiano, enquanto que as línguas de sinais são características das comunidades surdas.

Por esse eixo de reflexão, podemos aferir que os elementos que compõem este arcabouço da linguagem multimodal aumentam a produção cognitiva dos indivíduos que destes elementos se utilizam em seus contextos de interação e negociação de sentidos. Diante disto, vemos a importância e relevância destes recursos, principalmente para os que possuem SD, dada a escassez de recursos linguísticos no que tange à fala e à escrita.

Em última análise, negar-lhes o uso de tais faculdades é negar-lhes, também, o direito à (re)-construção e à (re)-interpretação de seu mundo através das interações face a face. Portanto, percebemos que há um manancial de recursos multimodais que está em consonância com a facilitação no processo de interação.

2.3 ESTRATÉGIAS MULTIMODAIS DE INTERAÇÃO NO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Como dito no tópico anterior, os recursos multimodais atuam como facilitadores no processo de interação, assim esses recursos estão atrelados às estratégias multimodais, sendo importante esclarecermos que crianças com SD necessitam de estímulos para processarem as informações propostas. Nesse sentido, as estratégias multimodais são as produções vocais, os gestos, os olhares e determinados movimentos corporais que estão atuando em concomitância para construir uma referenciação de sentido (ÁVILA-NÓBREGA, 2017).

Dado o exposto, convém aludirmos à esfera da referenciação multimodal, que se constitui como um processo no qual os referentes, que estão sendo negociados pelos interactantes, são realizados através do dinamismo da linguagem, ao invés do estrito aspecto verbal da língua (ÁVILA-NOBREGA; CAVALCANTE, 2018).

Ao corroborar essa ideia, Marcuschi (2001, p. 37) defende que “a referenciação na relação face a face é fruto de uma atividade colaborativa e não uma simples convenção linguística”. Sendo assim, como forma de exemplificar esta afirmação, podemos dizer que, em dadas situações, o referente não estará claro a um dos sujeitos em interação, sendo necessário, portanto, que seja construído o sentido no contexto interacional.

Além disso, o mesmo autor propõe que são as condições comuns e o compartilhamento na construção de conhecimentos que permitem a referenciação, enquanto que o processo interativo se dá em contextos culturais e sociais mediados

pelo uso da língua. Portanto, a referência será uma ação conjunta em um processo interativo; em contrapartida, a noção de uma determinação linguística na qual os falantes possuem total domínio da língua, sem possuir incongruências no processo interativo (MARCUSCHI, 2001).

Dessa forma, a interação na negociação de sentidos é um processo que não se dá unicamente, à medida que essa negociação se modela por meio de um engajamento conjunto, ou seja, visto que é o foco deste trabalho, onde a negociação de sentidos a partir da interação só se constituirá através do engajamento conjunto da criança com SD e o terapeuta no contexto do atendimento (TOMASELLO, 2003).

Em nossa produção, daremos ênfase à repetição que se constitui como um elemento da referenciação, utilizado como mecanismo para reforçar ou relembrar o que já fora produzido no contexto de engajamento a fim de facilitar a negociação de sentidos. Do mesmo modo, percebemos a importância do uso de outras estratégias de interação para a negociação de sentidos em relação à criança com SD.

3 METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, foram observadas duas crianças que frequentam os atendimentos semanais de uma Clínica-Escola de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba. As duas crianças dos nossos dados frequentam os atendimentos semanais como parte do projeto: **Letramento em Pauta: Intervenção Fonoaudiologia em sujeitos com Síndrome de Down²**. Estes atendimentos foram iniciados no ano de 2014 e vigoram até o momento. As crianças são irmãs, filhas da mesma mãe, diagnosticadas com SD do tipo translocação, ou seja, os desvios cromossômicos que as acometem, atingem os cromossomos 21 e 14.

Os dados coletados foram armazenados em mídia DVD. Cada cena de atendimento teve uma média de duração de 30 minutos. Ao longo das análises, fizemos ilustrações dos recortes dos diálogos (em transcrição ortográfica), bem como, mostramos quadros dos dados quantitativos e gráficos como forma de ilustrar melhor os resultados e dar mais respaldo ao que procuramos investigar.

²Projeto coordenado pela Prof.^a Dr.^a Isabelle Cahino Delgado.

Por questões éticas, utilizamos as siglas CA (03 anos) e CC (08 anos), para indicar a ordem das crianças analisadas nos dados coletados. Além disso, utilizaremos as siglas P1 e P2 para nos referirmos as profissionais 1 e 2, nos momentos do engajamento.

Os dados que serão apresentados na pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética da UFPB, sob o processo 46076215.8.0000.5188³. Esses dados foram analisados em outros momentos de produção: como artigos científicos publicados em Anais de Eventos e Periódicos, além de livros organizados pelo proponente, em virtude de que são dados resultados de tese de doutoramento.

Metodologicamente, esta pesquisa seguiu por via de abordagem qualitativa, haja vista que ponderamos acerca da interação, buscando a reflexão e, sobretudo, a descrição de seu funcionamento no primado da multimodalidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, demonstramos em duas sessões os atendimentos desenvolvidos com CA e CC, analisando de maneira qualitativa as cenas de atendimento por meio de recortes dos diálogos ocorridos, buscando elucidar as relações de referenciação multimodal que decorreram de tais contextos.

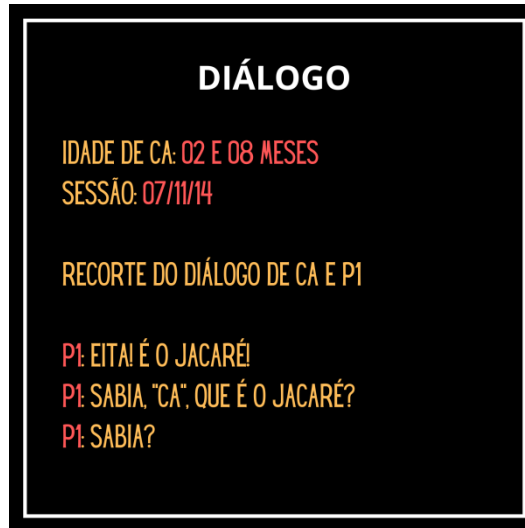
Entretanto, embora as análises sigam um padrão específico, no que diz respeito às demonstrações de cenas sob recortes de diálogos, ainda assim, cada criança apresenta um aspecto e uma construção única no processo de utilização dos recursos multimodais. Sendo, pois, esses aspectos diferentes em seu desenvolvimento no processo de interação, a nossa escolha em demonstrar a ocorrência dos mesmos, seguiu construções diferentes concernentes à elaboração das análises.

4.1 RECORTES E ANÁLISES DO ATENDIMENTO DE CA

³ ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius. **O Sistema de Referenciação Multimodal de Crianças com Síndrome de Down em Engajamento Conjunto**. João Pessoa, 2017. Vale ressaltar que, tais dados, também foram utilizados em pesquisas de iniciação científica (PIBIC/CNPq-UEPB), sob os respectivos títulos: “Aquisição da Linguagem e Estratégias Multimodais de Interação: O Engajamento Conjunto de Crianças com Síndrome de Down e Terapeutas” cota 2019/2020 e “O Uso de Gestos Icônicos no Processo de Aquisição da Linguagem e Atencionalidade de Crianças com Síndrome de Down” cota 2020/2021.

Contexto: P1 e CA estão sentadas no chão brincando com um jacaré em um tapete colorido. Alguns minutos depois, P2 chega e participa da cena com outros objetos.

Figura 01: Diálogo de P1.



Fonte: Arquivo pessoal.

O atendimento inicia-se com p1 produzindo a expressão vocal “eita! é o jacaré!”, posteriormente, ainda diz: “sabia, ‘CA’, que é o jacaré, tu sabia?”. P1, ao mesmo tempo em que profere isto, olha para CA com um olhar de partilha de expectativa que, segundo Ávila-Nóbrega (2017, p. 66), leva o “[...] parceiro a se envolver diretamente no campo da atencionalidade de quem dirige o tópico do discurso e das ações”, ou seja, P1 buscava a correspondência do olhar de CA.

P1 toca o brinquedo (jacaré) empurrando-o para frente e para trás na tentativa de chamar a atenção de CA. Diante disso, CA começa a tocar o brinquedo e a olhar para ele, mantendo o foco nas ações de P1. Vemos, nesse panorama, a construção de um ambiente multimodal que emerge desde o início da cena, quando P1 utiliza as produções vocais, o olhar de partilha e o toque no brinquedo como reforçador para a atenção de CA.

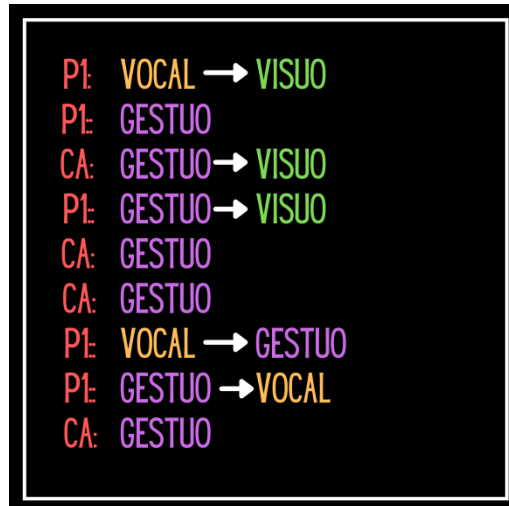
Algum tempo depois, a profissional pega o objeto e o empurra fazendo o movimento de um carro e, olhando para a criança, diz: “olha, vrum!”. Em seguida, com os estímulos de P1 para que CA faça o mesmo movimento, quando diz “empurra”, CA segura o objeto repetindo o mesmo gesto; mas ainda sem corresponder ao olhar de partilha de expectativa de P1. Neste trecho, podemos considerar o gesto de empurrar o carro como um facilitador no processo de

negociação de sentidos, corroborando o que afirma Freitas (2021) ao dizer que “[...] os gestos têm uma função extremamente relevante ao servirem, a um só tempo, como estruturas de passagem de ações motoras para a produção da fala e facilitadores desta”. Sendo assim, CA corresponde ao estímulo de P1 através do recurso multimodal por ela executado.

A posteriori, CA toma a iniciativa de mexer em outra parte do brinquedo, na qual faz um movimento giratório como uma espécie de telefone antigo. P1, por sua vez, se alinha à CA, produzindo: “Eita! Que legal! Olha, vamo rodar?” e, logo a seguir, acomoda-se ao ambiente de interação, tocando o mesmo local que fora tocado por CA. Por consequência, a profissional profere: “com o dedinho, com o dedinho”, apontando com o dedo indicador direito para o local que girava, tocando o brinquedo. CA, então, põe o dedo indicador esquerdo e o indicador direito e começa a girar a parte mencionada por P1.

Dado o exposto, percebemos que os gestos foram os recursos mais utilizados em cena. Para melhor elucidarmos esta questão, apresentamos uma sequência dos recursos multimodais utilizados pela criança e terapeutas, com o objetivo de que seja ilustrada a utilização da matriz visuo-gesto-fala. Vejamos o esquema abaixo:

Figura 02: Sequência de recursos multimodais.



Fonte: autoria própria.

Como demonstrado, o gesto de apontar fora o recurso multimodal mais utilizado por ambos os sujeitos para a construção da negociação de sentido, configurando-se neste processo como um facilitador, nomeadamente acerca do engajamento conjunto. Percebemos, também, que a criança correspondeu à

terapeuta apenas através dos gestos (salvo uma única vez em que correspondeu ao seu olhar de partilha de expectativa). Com isso, percebemos que, sem este aparato multimodal, a criança com SD dificilmente conseguiria corresponder à negociação de sentidos de P1, haja vista que sua receptividade se deu somente através dos gestos.

Concernente a isso, passemos a outro recorte de diálogo:

Figura 03: Diálogo entre P1 e CA.

DIÁLOGO

P1: olha, CA, cadê a boca do jacaré?
 P1: cadê a boca do jacaré?
 P1: me mostra!
 P1: olha olha a boca vamo abrir a boca do jacaré vamo?
 P1: ummmmm ummmmm
 P1: fecha a boca agora!
 P1: vai fecha!
 P1: sim ó! umm!
 P1: eita! abre agora pra tia vê!
 P1: abriu! Vai pega pelo pé pegou pegou!
 P1: umm pegou!
 P1: um mm
 P1: jacaré!
 CA: dá!!

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesta parte do diálogo, P1 profere, com frequência, a produção vocal “cadê” e “me mostra”, acompanhado pelo toque na boca do brinquedo (jacaré). Tal estímulo leva CA a soltar o objeto, olhar para as ações de P1 e, logo após, começa a tocar o mesmo lugar no qual a terapeuta tocou. Desta forma, vemos que CA corresponde às tentativas de interação de P1, mas não pela sua produção vocal, e sim pela observância dos toques, que são estratégias multimodais de interação que P1 realizava.

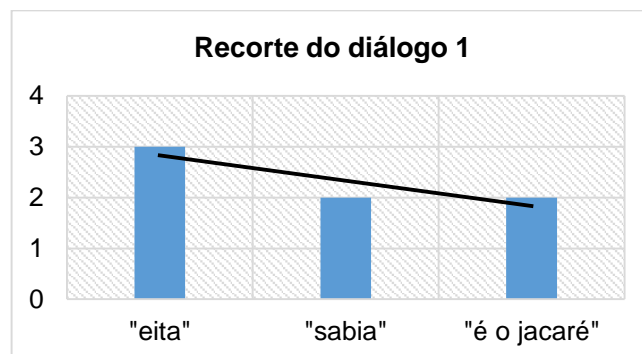
Nesse mesmo eixo interativo, a profissional continua estimulando CA a respeito dos movimentos de abrir e fechar a boca do jacaré, tocando o objeto, apontando para a boca do brinquedo, e fazendo o barulho de um carro, ao movimentá-lo para frente e para trás, ao passo que o objeto continha rodas.

Após isso, P1 constrói uma espécie de jogo lúdico ao manusear a boca do jacaré na tentativa de morder a mão esquerda de CA, repetindo isto por seis vezes, seguido da produção vocal: “vai pega a mão de ‘CA’. Umm! Pegou!”, dando ao tom

de voz uma essência lúdica. Durante esse engajamento, CA coloca a mão três vezes dentro da boca do brinquedo, consolidando a sua presença no processo de interação conjunta com a terapeuta, através dos recursos lúdicos utilizados por P1 e pela emergência do gesto. A partir disso, é imperativo realçar que CA passa a ter um olhar de partilha de expectativa do mesmo modo que a terapeuta.

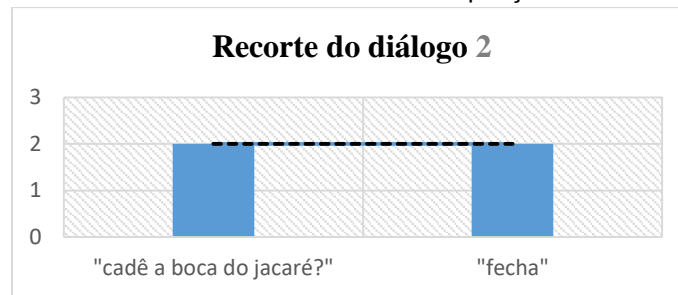
Ademais, é preciso ressaltar que há outro processo que ocorre neste contexto, de modo especial no que toca à referenciação multimodal, a saber: a repetição. A repetição neste atendimento configura-se como um recurso amplamente utilizado por P1 como forma de enfatizar a CA as ações que estão sendo propostas, corroborando a ideia de que “[...] a repetição de um item lexical propriamente dito ou de uma sentença funciona como uma relação enfática levando o interactante a se manter correspondente na cena de atenção conjunta” (ÁVILA NÓBREGA, 2007, p. 98). Através desse recurso, vemos a efetivação do engajamento conjunto entre a terapeuta e a criança. Para demonstrar esse evento de maneira mais enfática, vejamos este gráfico referente ao primeiro recorte de diálogo de CA a respeito da repetição:

Gráfico 01: Processo de repetição.



Fonte: autoria própria.

Diante disto, podemos perceber o número de vezes que P1 produziu (repetiu) os mesmos termos. Portanto, são através deste recurso que CA dá início à construção dos sentidos que P1 propusera através da repetição. Nesse ínterim, a criança e a terapeuta começam a mostrar os primeiros sinais de engajamento conjunto, por meio de ações multimodais (gestos, toques, expressões vocais e olhares de partilha) como demonstramos nos parágrafos iniciais desta análise. A partir do gráfico 02, podemos observar mais um recorte desse evento de repetição:

Gráfico 02: Processo de repetição.

Fonte: autoria própria

Neste trecho, vemos que a profissional repete por duas vezes, as expressões vocais: “cadê a boca do jacaré?”, “fecha”. No entanto, vemos que assim como no diálogo anterior, a construção de sentidos (mais passiva em relação à CA) será, neste recorte de cena, moderadamente correspondida pela criança, não de maneira vocal, mas através de gestos e repetições dos mesmos movimentos da terapeuta, configurando-se, de modo mais sólido, a construção de sentidos entre esses sujeitos através do engajamento conjunto.

Consideramos, portanto, que para além das estratégias de repetição, os gestos também foram recursos multimodais de ampla utilização nesta sessão, em virtude de que, no período de aquisição da linguagem, a produção de sentidos ocorre de forma mais ilustrativa, facilitando a compreensão do sujeito. Os gestos, por sua natureza, exerceram um papel importante no atendimento com CA, pois, como afirmam Melo, Lima e Ávila-Nóbrega (2019, p. 454), os gestos “[...] atuam e se aperfeiçoam de forma conjunta com a fala e o olhar na interação e produção de significado”.

4.2 RECORTES E ANÁLISES DO ATENDIMENTO DE CC

Contexto: P1 e P2 narram para CC à história da Bela Adormecida compartilhando entre si as imagens do livro.

Idade de CC: 08 anos, 08 meses e 08 dias

Sessão: 07/11/14

Recorte do diálogo de P1, P2 e CC

P1: Vamo sentar aqui com a tia?

P1: Vamo sentar?

P1: Vamo sentar, tu já tu já escutou a historinha da Bela Adormecida? Já?

CC: Tem musca?

P1: Já? Ó aqui ó. Eu vou contar pra tu certo?

P1: E ela também vai ajudar a gente, ta certo?
 CC: Ó meu cabelo!
 P1: O cabelo grande! Olha o meu. Tu gostou do meu cabelo?
 CC: Cabelo bonito!
 P1: Cabelo bonito né?
 P2: O cabelo dela é bonito né? oia só!
 CC: (Inc.)
 P1: É lindo o de “CC”!
 P2: É lindo, “CC”! O cabelo de “CC”
 P2: E esse, esse óculos, “CC”?
 CC: (Inc.)
 P2: Tu sabe meu nome?
 CC: (Inc.). E amarra e ó!
 P2: Tu sabe meu nome?
 P1: Em, “CC” tu sabei o nome dela? Vamo saber, vamo perguntar o nome dela?
 P2: Então vamo lê a historinha? Ó de quem é a historinha olha!
 CC: Oia a fadinha tem um mermo do cabelo, inc.
 P2: Tem um cabelo lindo né? Lora. De quem é a historinha, tu sabe?
 CC: (Inc.)
 P2: É da Bela adormecida. Né da Cinderela não. Vamo lê a historinha? Vamo?
 CC: (Inc.)
 P2: Ó é a Bela adormecida.

Após esta cena, CC continua direcionando P1 e P2 através do mecanismo da repetição para a cena do “cabelo”. No entanto, alguns instantes depois, P2, folheando um conto de livros infantis, olha para CC e produz: “Então vamo ler a historinha? Ó de quem é a historinha olha!”, mostrando a capa do livro. É importante ressaltar que este movimento de “mostrar” se configura como sendo um gesto.

Nesse mesmo movimento, CC corresponde a este gesto apontando com o dedo indicador esquerdo para o mesmo objeto e proferindo: “Oia a fadinha tem um mermo do cabelo, (inc.)”. P2, seguindo a negociação de sentidos de CC, diz: “Tem um cabelo lindo né? Lôra?”. Ao mesmo tempo em que passa a mão na capa do livro (isto também se configura como sendo um gesto), alternando o olhar entre a criança e o livro.

Diante disto, P2 questiona: “De quem é a historinha? Tu sabe?” e CC responde com o gesto de apontar (com o dedo indicador esquerdo) para a capa do livro e, paralelamente, por duas vezes, produz algo incompreensível. Com efeito, P2 olha para o livro e, em seguida, olha para a criança, utilizando o gesto de apontar (com o dedo indicador direito) para a imagem do livro e profere: “Vamo lá quem é essa daqui? Tu sabe quem é?”.

Neste recorte de cena, é possível notar que P2 se utiliza de uma sequência de recursos multimodais, para formular uma nova negociação de sentidos no que diz respeito ao personagem da história. Para demonstrar como se deu a utilização sequencial destes elementos, vejamos o esquema a seguir:

Figura 04: Sequência de recursos multimodais.



Fonte: autoria própria

Diante deste esquema, vemos seis linhas que elencam um trecho de toda a interação entre P2 e CC na cena descrita em parágrafos anteriores. Inicialmente, podemos considerar a ampla utilização desta matriz de recursos multimodais (visuo-gestual-vocal) em prol da construção de sentidos entre os sujeitos; e embora o contexto de engajamento entre estes não siga uma linha padrão (no sentido literal da palavra sequência) concernente à utilização dos recursos multimodais, podemos notar alguns aspectos relevantes.

Por sua vez, uma característica que evoca nossa atenção se dá em relação ao último recurso utilizado em cada trecho do engajamento, ou seja, podemos aferir que, na maioria dos trechos, o último recurso utilizado por P2 foi o primeiro recurso utilizado por CC no contexto da interação. Neste sentido, considera-se esse fato como uma estratégia (consciente ou inconsciente) dos sujeitos a fim de manterem a negociação de sentidos fluindo positivamente. A repetição dos recursos multimodais nesta ocorrência demonstra correspondência dos sujeitos neste contexto de interação, principalmente quando evidenciamos as correspondências esperadas de ambos no engajamento conjunto.

Com isto, consideramos que a partir desta sucessão de ações, que a interação entre a profissional e a criança com SD se realiza de modo efetivo. Portanto, observamos que a repetição ocorrida nesta cena, no tocante aos recursos utilizados por P2, ajudou a enfatizar as ações que este esperava de CC. Por outro lado, CC conseguiu sustentar, de modo eficaz, o que estava sendo negociado.

A seguir, apresentamos outro recorte de um diálogo acerca de um novo atendimento realizado com CC:

Sessão: 23/10/15

CC: 09 anos, 05 meses e 24 dias

Contexto: P1 e P2 estão sentadas no chão, mostrando a CC imagens de animas, objetos, meios de transportes e alimentos.

Recorte do diálogo entre P1, P2 e CC

P1: Vamo vê agora qual é a próxima figura. Esse aqui CC sabe.

CC: Não!

CC: Leão!

P1: Leão?

CC: É não.

P1: Tá certo, num é leão não. É qual esse? É um bem grande.

P2: Tem uma tromba assim ó.

P1: Tem uma tromba no rosto dele assim ó.

CC: (inc.)

P1: Ele é cinza, bem grandão.

CC: O que é isso?

P1: É um animal.

CC: Ah!

P2: Um bicho.

P1: Um animal. E o nome dele?

P1: Ele...

CC: ...fante.

P1: Elefante. Muito bem! Tu já viu um elefante?

CC: (inc.)

P1: Já viu um elefante lá na Bica?

CC: Não.

P2: Já foi num zoológico?

P1: Lá tem um elefante bem bonito.

P2: Come muito assim ó.

Após esta cena, as terapeutas continuam buscando estratégias de engajamento com CC, mostrando cada vez mais figuras diferentes, a saber: animais,

alimentos, objetos, etc. P1 mostra a figura de outro animal olhando para CC, que, por sua vez, corresponde à expectativa de P1 ao proferir o nome do animal. P1 se utiliza de vários recursos multimodais, como a produção vocal, o olhar e os gestos para demonstrar a criança as características do objeto, na qual ela espera que CC profira o nome correto.

Com efeito, P2 busca interagir na cena à medida que coopera com a produção de sentidos para CC, produzindo: “Tem uma tromba assim ó”, acompanhado por um gesto que ilustra uma das partes do animal, ao passo que tal gesto tem como configuração os braços diante do nariz. Este mesmo gesto é feito por P1 através do processo de repetição. É importante realçar que o gesto produzido se configura enquanto um gesto icônico que, segundo Ávila-Nóbrega (2017 p. 54), “[...] estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito”.

Nesta sessão, também ocorre, assim como na primeira, uma sequência ou progressão multimodal em que P1 alterna o olhar entre CC e a figura, entonando: “Ele é cinza e bem grandão”. A seguir, CC corresponde com o gesto de apontar (dedo indicador esquerdo) para a figura e indaga: “O que é isso?”, configurando-se como mais um processo de repetição.

Diante disto, constatamos que os gestos, mais uma vez, estavam presentes na maior parte do engajamento, cooperando com a produção de sentidos para CC. Em linhas gerais, a criança se mostrou bastante ativa, correspondendo às produções vocais, aos direcionamentos dos olhares e aos gestos. Portanto, é notória a constatação dos elementos de referência multimodal como facilitadores e construtores deste momento de engajamento conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explanado no início de nossa produção, buscamos, ao longo desta produção, observar e analisar o funcionamento da linguagem de duas crianças com Síndrome de Down em engajamento conjunto com duas terapeutas da linguagem. Consideramos, desde o início, a singularidade que a SD acomete em cada criança observada, de modo especial no que concerne ao seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. Não obstante, tais singularidades não impediram os sujeitos observados de desenvolverem um processo de interação efetivo com suas terapeutas.

Na primeira sessão de nossas análises, percebemos como CA se utilizou de maneira abundante dos gestos (de apontar) como forma de corresponder e se comunicar com as ações propostas pela terapeuta.

Por consequência, CA se utilizou de outros recursos multimodais, como o gesto de apontar que, em nossa observação, fora o recurso multimodal mais utilizado pela criança, atribuindo tal recurso como um facilitador no processo de engajamento conjunto. Na segunda sessão de atendimento, continuamos a perceber o quanto CA continua a se utilizar dos gestos, porém as estratégias de repetição utilizadas para enfatizar o que fora proposto, é que realizam plenamente o engajamento conjunto. O recurso da repetição tornou-se, então, um facilitador no que se refere à construção de sentidos entre a criança e a terapeuta.

Na segunda sessão, observamos CC se utilizando de recursos multimodais com uma frequência semelhante à CA. Todavia, CC demonstra um padrão de ocorrências diferentes, utilizando-se bem mais da matriz de recursos multimodais (visuo-gestual-vocal) no momento de interação e construção de sentidos junto à terapeuta. Outra estratégia utilizada pelos interactantes foi à repetição como forma de elucidar as ações propostas. Nesse ínterim, observamos a progressão multimodal destes recursos que resultou na efetivação de todo o processo de engajamento conjunto na sessão ocorrida.

Sendo assim, consideramos de suma relevância a utilização destes recursos multimodais, não só para se efetivar o processo de interação entre dois sujeitos, mas também para conferir à criança com SD a consideração de que esta, mesmo tendo algumas impossibilidades a respeito de sua comunicação verbal e sua compreensão cognitiva, poderá construir e (re)-construir sentidos no processo de interação com outrem ou com seu meio social.

O uso da linguagem para CA e CC é plenamente possível, o que ocorre com esses sujeitos é a utilização de estratégias não-típicas para se comunicarem com seu mundo e essas estratégias, por sua vez, não são gestos, olhares, ou expressões ocasionais vagas de compreensão; pelo contrário, estes recursos carregam, através do contexto de engajamento, um significado passível de compreensão para ambos os sujeitos.

Tendo corroborado o que fora proposto no início de nossa pesquisa, inferimos que nosso trabalho pode servir de base para alunos, professores e pesquisadores que visem analisar a linguagem para além das instâncias da fala e escrita. Outra

possível contribuição é para os pesquisadores e estudiosos do campo da Síndrome de Down ou síndromes semelhantes, que buscam compreender e analisar o funcionamento e as estratégias linguísticas utilizadas por esses grupos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giorvan A. dos S., et al. O desenvolvimento da linguagem escrita por crianças com síndrome de Down. **Revista ProLíngua**, João Pessoa. Vol 1, N. 1, 2008.

AMARANTE, Juliana Rodrigues Nunes; ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius. O uso multimodal da linguagem em um Atendimento Educacional Especializado (AEE) de Guarabira/PB. In: **Anais do III Congresso Nacional de Educação e Práticas Interdisciplinares**. 1ª ed. João Pessoa: Sal da Terra. 2019.

ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius. **O Sistema de Referenciação Multimodal de Crianças com Síndrome de Down em Engajamento Conjunto**. João Pessoa: UFPB, 2017.

ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius. **O Estudo do Envelope Multimodal como uma Contribuição para a Aquisição da Linguagem**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius (org.). **Nuances da Linguagem em Uso: A síndrome de Down em foco**. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius; CAVALCANTE, Marianne C. B. Crianças com Síndrome de Down: Referenciação e Multimodalidade em Contexto Lúdico. **Signótica**, Goiânia, vol 30, n. 4, p. 727-746, 2018.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; FARIA, Evangelina Maria Brito de (orgs.). **Cenas em Aquisição da Linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FREITAS, Nathalia Luiz de. Ações Pedagógicas Voltadas ao Ensino de Língua Materna Escrita para Alunos com Síndrome de Down. In: ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius (org.). **Nuances da Linguagem em Uso: A síndrome de Down em foco**. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

KENDON, Adam. The study of gesture: some observations on its history. **Recherches Semiotique/Semiotic Inquiry**, vol. 2 n. 1, p. 25-62, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atos de referenciação na interação face a face. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, vol. 41, p. 37-54, Jul/Dez, 2001.

MELO, Ediclécia Sousa de. LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinícius. A emergência do gesto de apontar na Síndrome de Down em contexto clínico. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 442-456, set-dez/2019

OLIVEIRA, M. et al. Entrecruzamento Fala – Escrita e os Desafios para a Alfabetização do Estudante com Síndrome de Down. In: ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius (org.). **Nuances da Linguagem em Uso: A síndrome de Down em foco**. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

RABELO, G. R. G. et al. A Apropriação da Escrita por uma Criança com Síndrome de Down em um Contexto de Letramento. In: ÁVILA-NÓBREGA, Paulo Vinicius (org.). **Nuances da Linguagem em Uso: A síndrome de Down em foco**. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

TOMASELLO, Michael. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.